

O Brasil sai do sufoco

Empresários e economistas acreditam na trajetória de desenvolvimento por mais alguns anos

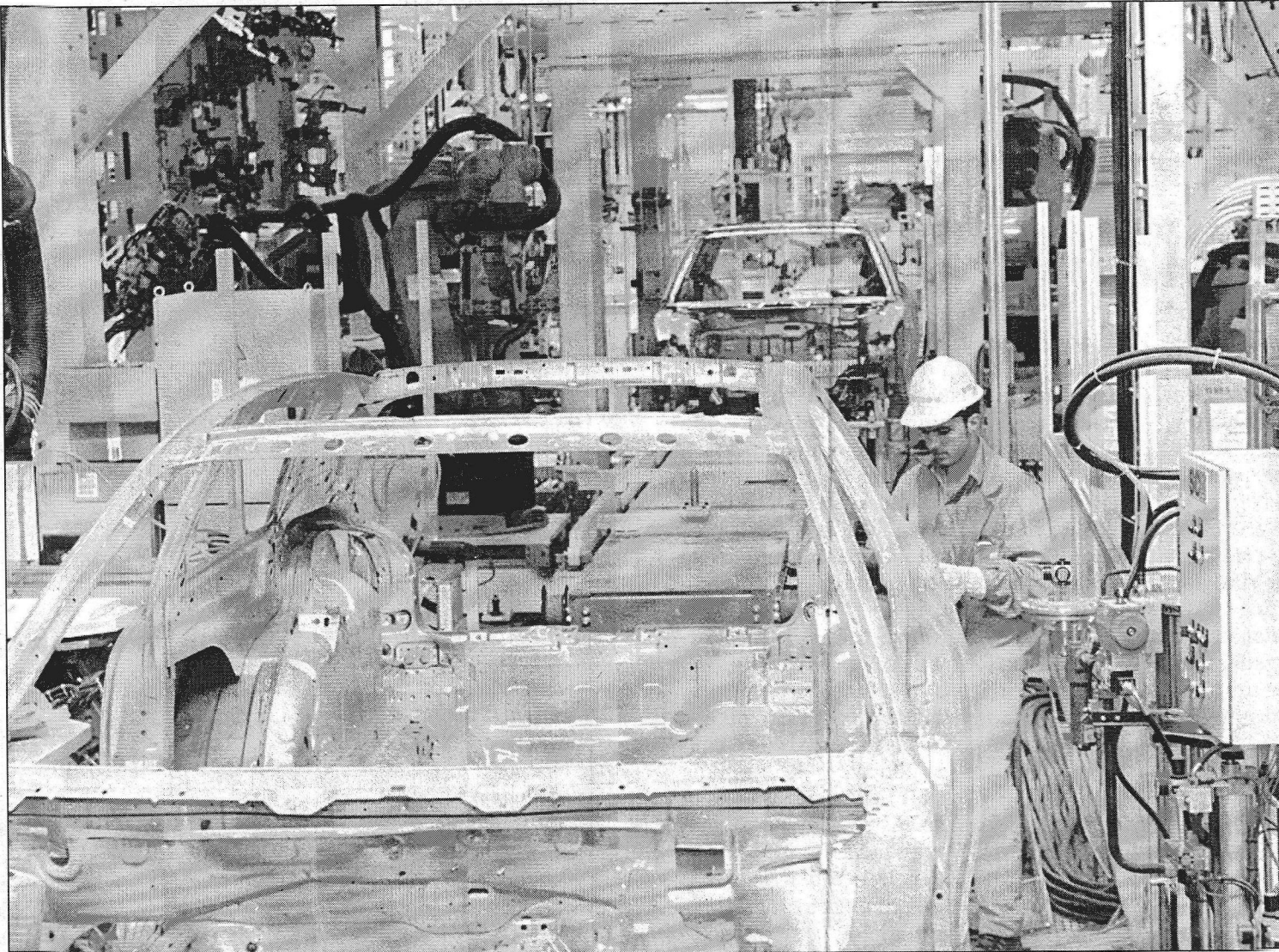
EFEITOS DA
RECUPERAÇÃO
JÁ CHEGAM À
POPULAÇÃO, COMO
AUMENTO DAS
VAGAS DE TRABALHO

GILSON LUIZ EUZÉBIO

Acabou o sufoco: a economia brasileira entrou numa trajetória de crescimento e trouxe um sentimento de alívio aos empresários e à população, que há tempos se acostumou a ver o desemprego bater à porta, indústrias fechando e deixando um rastro de destruição pelo país. O crescimento deve durar pelo menos mais dois anos. Gradativamente, as empresas começam a substituir as demissões em massa pela contratação de trabalhadores, a produção industrial cresce e o comércio aumenta as vendas.

"A impressão é que o crescimento veio para ficar", diz Paulo Levy, coordenador de Acompanhamento Conjuntural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "Não há dúvida que, pela primeira vez em muitos anos, o Brasil tem condições muito favoráveis para crescer e crescer durante um bom tempo", afirma José Guilherme Reis, chefe da Assessoria Econômica do Ministério do Planejamento.

Nem mesmo o repique da inflação e outros problemas, como o possível rombo aos cofres públicos pela correção



PRODUÇÃO da indústria está em expansão. As empresas agora trocam as demissões pela contratação de trabalhadores

do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), deve alterar essa rota, opinam Carlos Cintra, do Banco Prosper, e Valdivino José de Oliveira, secretário de Fazenda do Distrito Federal. "O núcleo da inflação subiu, mas a tendência é voltar, e o governo não vai mudar nada em função disso", acredita Cintra.

"Os preços já estão se acomodando", garante Oliveira. A conta do FGTS vai aumentar a dívida pública, mas não vai atrapalhar o crescimento, assegura José Guilherme Reis.

Os primeiros reflexos do crescimento, segundo Reis, já começaram a chegar à população: a indústria voltou a gerar emprego e isso melhora o

quadro social, "embora não seja suficiente". Nos últimos três meses do ano passado, a produção industrial cresceu 2% ao mês e se estabilizou, neste ano, em patamares elevados, lembra Levy. Mas a geração de emprego só ganhou fôlego no primeiro semestre deste ano, que fechou com a criação de 650 mil novos postos de trabalho. E ain-

da levará alguns anos para recuperar os milhões de postos perdidos.

Os resultados positivos deste ano, que deixaram eufóricos os empresários, devem-se à política cambial, ao equilíbrio fiscal e ao regime de metas inflacionárias, administrado pelo Banco Central, explica Levy. Tudo isso, segundo ele, decorreu da cri-

se na Rússia, que obrigou o Brasil a fazer um forte ajuste em suas contas públicas, com recessão e desemprego.

Nesse período, o governo retirou dinheiro da sociedade, com mais impostos, e cortou gastos. A difícil travessia foi feita. Agora, o ambiente para a retomada do crescimento está criado, afirma Levy. "O pior ficou lá atrás", diz.

Todas as estatísticas e levantamentos dos últimos meses comprovam isso: no primeiro semestre deste ano, a economia brasileira cresceu 3,84% em comparação com igual período de 1999; a indústria cresceu 5% e o setor agropecuário, 6,45%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao mesmo tempo, uma das principais agências de avaliação de risco, a Moody's, aponta para a redução do risco de investir no Brasil.

O comércio também está vendendo mais, graças à redução dos juros - que ainda continuam altos, mas bem menores do que os praticados nos anos anteriores. A Câmara de Dirigentes Lojistas do Distrito Federal espera um crescimento nas vendas acima dos 5%.

Poucos acreditam na reversão das expectativas. Mas os problemas existem: a possibilidade do aumento dos juros nos Estados Unidos, aparentemente afastada, o possível agravamento da crise na Argentina e o repique da inflação, que deve se refletir também nos índices deste mês, são os principais.